

DAWSEY, Cyrus B. & DAWSEY, James M. *The Confederados: Old South Immigrants in Brazil*. Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1995.

Percorrendo a historiografia americana e brasileira, verificamos que a questão dos imigrantes americanos originários do sul dos Estados Unidos que chegam ao Brasil, na década de 1860, tem sido um tema que a cada nova pesquisa configura um espaço de reflexão crítica e inquietação nas ciências humanas, o que demonstra que muito ainda pode ser discutido, avaliado e repensado.

Publicado recentemente nos Estados Unidos, em 1995, *The Confederados: Old South Immigrants in Brazil*, organizado pelos irmãos Cyrus B. Dawsey (co-diretor do The Institute for Latin American Studies da Auburn University) e James M. Dawsey (professor de Estudos Religiosos da Auburn University), não chega a ser pioneiro no que diz respeito ao estudo da presença dos *Confederados* no Brasil.

Entretanto, um dos méritos dessa obra é o caminho percorrido por seus autores na construção de uma análise preocupada com o estudo dos grupos de americanos sulistas que estando insatisfeitos com os resultados da Guerra Civil Americana resolvem, a partir de 1865, imigrar para a região onde se formaria o futuro núcleo colonial de Santa Bárbara, no interior da província de São Paulo. Foi este núcleo, atual cidade de Americana, que recebeu a maior parte destes, compostos na grande maioria de refugiados que estavam

à procura de um local apropriado ao estilo de vida perdido em consequência da Guerra.

É neste período que nos antigos estados *Confederados* surgiram associações formadas com o propósito de reunir informações a respeito das condições de vida fora dos Estados Unidos, e dos locais mais adequados para a instalação de núcleos coloniais de americanos no estrangeiro. Entre esses países, foram visitados e consultados o México, a Venezuela, as Honduras Britânicas e o Brasil.

O Brasil foi o que ofereceu aos futuros imigrantes as melhores condições de acolhimento. Pedro II teria sido o governante mais generoso entre os consultados, por oferecer aos americanos terras férteis de clima ameno, facilidades na cidadania e promessas de construção de uma infra-estrutura necessária para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas e comerciais.

Ao longo dos onze capítulos que compõem o livro, os oito autores, cada qual ao seu modo, destacam habilmente que, ao contrário de outros grupos de imigrantes instalados na mesma região e período, os americanos não foram destinados ao trabalho com o café. Estes fundaram, com seus próprios capitais, os núcleos de Santa Bárbara, Juquiá (Vale da Ribeira de Iguape – SP) e Santarém (província do Pará), entre outras localidades, para trabalharem para si. Entre as

razões apresentadas pelos autores para o sucesso do núcleo de Santa Bárbara em relação aos demais núcleos de imigrantes americanos, as mesmas já defendidas por Goldman<sup>1</sup> e Siqueira Costa<sup>2</sup>, estaria a facilidade de transporte que agilizava o escoamento e comercialização de seus produtos.

Dividido em três temas, o primeiro trata dos motivos da imigração (capítulos I, II, III e IV), do sul dos Estados Unidos para o Brasil. Para tanto, descreve as condições do pós-guerra nos estados sulistas americanos que os levaram a cultivar um interesse imigratório, ocasionando a formação das primeiras associações promotoras de imigração para América Latina, aquelas responsáveis em pesquisar as condições de vida fora dos Estados Unidos.

Dentro deste primeiro tema, encontramos a narrativa de Sarah Bellona Smith Ferguson a respeito de suas experiências no núcleo colonial de Juquiá. Seu relato tem início em 1865, quando seus pais resolveram, juntamente com um grupo de famílias texanas, imigrar para a província de São Paulo.

As principais razões pelas quais os sulistas resolveram deixar os Estados Unidos e a ação dos agentes de colonização que selecionaram e organizaram a saída dos primeiros grupos de famílias daquele país são outras discussões presentes nesta primeira parte (vale ressaltar que nem todos que imigraram para o Brasil foram agricultores ou fazendeiros; entre eles haviam professores, preceptores, maquinistas, doutores, dentistas, artesãos, lojistas etc). Um outro foco de análise é o modo como lideranças sulistas surgiram e se destacaram diante do sucesso e/ou fracasso dos núcleos coloniais mais importantes.

Encerrando o tema, um ensaio não muito feliz é destinado ao caso da imigração da família Smith e

outros sulistas, no contexto do capitalismo do século XIX. A autora procura através do caso dos imigrantes sulistas e o seu contato com os brasileiros, explicar a atuação destes dentro do sistema capitalista, conseguindo pouco sucesso na distinção das chamadas áreas nucleares e periféricas.

O segundo tema do livro trata das heranças culturais, religiosa, educacional e tecnológica confederadas (capítulos V, VI, VII). Segundo os autores, este seria um tema virtualmente ainda não examinado pela pesquisa acadêmica. Em parte, eles têm razão se desconsiderarmos a produção acadêmica das universidades paulistas, como a da Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba – SP), a respeito desta presença americana em terras brasileiras. De qualquer modo, seus autores introduzem, através dos relatos de Sarah Bellona e Douglas Grier, entre outros, o tema da influência que os sulistas tiveram na sociedade brasileira, a partir da segunda metade do século XIX, e suas contribuições no avanço da tecnologia agrícola.

Um outro traço importante da herança americana no Brasil, reconhecível até nossos dias, é o estabelecimento de escolas no estilo das protestantes americanas. E dentre as ações educacionais escolares dos *Confederados* é mencionada a participação presbiteriana em Campinas, com o estabelecimento do Colégio Internacional, em 1873, sob a direção inicial dos missionários George Morton e Edward Lane. Para um maior aprofundamento da presença presbiteriana na esfera escolar campineira, teria sido interessante aos irmãos Dawsey a consulta de obras já conhecidas em nossa produção. Refiro-me às obras de Jether Pereira Ramalho (*Colégios Protestantes no Brasil, uma interpretação sociológica da prática educativa no Brasil*. Rio de Janeiro, PUC. Dissertação de Mestrado, 1975), Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti (*Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo, Faculdade de Educação,

1. *Os Pioneiros Americanos no Brasil: Educadores, Sacerdotes, Covos e Reis*. São Paulo, Pioneira, 1972.

2. *O Destino (Não) Manifesto. "Os Imigrantes Norte-Americanos no Brasil"*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, 1985.

1977) e Marcus Albino (*Protestantes em Campinas: a História de um Colégio de Confissão Presbiteriana – 1869-1892*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP, 1993), entre várias.

Quando trata da presença dos protestantes de confissão batista, a carência de informações, como a existente no estudo dos protestantes de confissão presbiteriana, não é percebida. Na realidade, os autores conseguem, com muito sucesso, configurar o contexto dos primórdios da Igreja Batista no Brasil e sua introdução em Santa Bárbara, destacando a atuação de seus missionários. Do mesmo modo, com um maior número de dados, é explorado o estudo dos protestantes de confissão metodista no Brasil através da ação dos três principais introdutores do metodismo no Brasil: os reverendos Junius E. Newman e John J. Ranson e sua esposa, a missionária Annie Ayres Newman Ranson. Esta última foi um dos pilares da educação metodista no Brasil, responsável pelo desenvolvimento do Colégio Newman, que futuramente se tornaria o Colégio Piracicabano, atual Universidade Metodista de Piracicaba.

O terceiro e último tema, o mais interessante, é destinado à questão da preservação de traços distintos da identidade americana sulista confederada (ca-

pítulos VIII, IX, X). Alguns dos traços já foram destacados nos capítulos anteriores: trabalho religioso, construção de escolas, colonização e consolidação da comunidade de Santa Bárbara são novamente enfocados com o objetivo de detectar uma possível identidade confederada. O ponto principal está na associação que os descendentes dos sulistas do século XIX mantiveram com as tradições americanas, tais como a preservação do cemitério dos primeiros *Confederados* a serem sepultados em terras brasileiras, as festas cívicas e populares americanas e a língua inglesa, com muitos de seus descendentes tendo-a até hoje como primeira língua. Uma outra questão a respeito da identidade dos descendentes americanos no Brasil é muito bem trabalhada por meio da história oral, procurando estabelecer as relações ainda existentes entre os descendentes e a história de seus ancestrais.

Nesse sentido, a contribuição de *The Confederados* é colocar novas perspectivas, que enriquecem o debate historiográfico a respeito do estudo da imigração americana sulista no Brasil da segunda metade do século XIX. O livro mostra esta presença como um rico e importante tema de pesquisa sobre as formas e os modos pelos quais os núcleos coloniais americanos influenciaram e se deixaram influenciar pelos valores da sociedade brasileira.

Marcus Albino

Doutorando pelo Departamento de História – FFLCH/USP  
e pesquisador do Centro de Memória – Unicamp